

O jogo político da posse presidencial de Jair Bolsonaro

The political set of Jair Bolsonaro's presidential inauguration

Maurício João Vieira Filho¹
Mariana Ramalho Procópio²

Resumo: Em discursos de posse presidencial, o sujeito político recorre a elementos persuasivos na linguagem com vistas a falar diretamente para o eleitorado e os aliados políticos. Na cerimônia de posse presidencial de 2019, na qual Jair Bolsonaro assumiu o cargo de presidente, os dois discursos foram atravessados por constituições conservadoras e alinhadas ao espectro político da extrema-direita. Neste artigo, mobilizamos o repertório teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau para analisar os elementos do contrato comunicacional e as estratégias discursivas desenvolvidas por Jair Bolsonaro durante a posse. Como parte dos resultados, notamos que o contrato de comunicação da posse orienta quem foram os destinatários do político, embora não tenha como atestar o alcance. Em termos de estratégias, os discursos lançaram-se na tentativa de persuadir pelas polêmicas e atingir por emoções quem teve acesso aos pronunciamentos. Por fim, consideramos que, ao invés de enunciar sobre os planos políticos para o Brasil durante a gestão, ele se ancorou em manobras estratégicas que apelaram para o tempo de vida pública, por meio da verossimilhança e da explicação, bem como por tentativas de afetar as pessoas a partir do atentado que sofreu em um ato de campanha em Juiz de Fora.

Palavras-chave: Discurso de posse. Jair Bolsonaro. Contrato de comunicação. Estratégias discursivas. Análise do discurso.

Abstract: In presidential inauguration speeches, the politician uses persuasive language to speak directly to the electorate and political allies. In the 2019 presidential inauguration ceremony, in which Jair Bolsonaro took office as President, the two speeches were crossed by conservative constitutions aligned with the far-right political spectrum. In this article, we mobilize the theoretical-methodological repertoire of the Semiolinguistic Theory proposed by Patrick Charaudeau to analyze the elements of the communicational contract and the discursive strategies developed by Jair Bolsonaro during his inauguration. As part of the results, we noticed that the communication contract of the inauguration indicates who the recipients of the politician were, although there is no way to attest to this scope. In terms of strategies, the discourses were launched in an attempt to persuade through controversies and reach those who had access to the speeches through emotions. Finally, we believe that instead of stating his political plans for Brazil during his administration, he resorted to strategic maneuvers that appealed to his time in public life, through verisimilitude and explanation, as well as attempts to affect people based on the attack he suffered during a campaign event in Juiz de Fora.

Keywords: Inauguration speech. Jair Bolsonaro. Communication contract. Discursive strategies. Discourse analysis.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Introdução

Das turbulências e polarizações políticas do Brasil, especialmente a partir das “Jornadas de junho” de 2013, até o resultado das eleições presidenciais de 2018 (e durante todo o mandato de Jair Bolsonaro até 2022), o País esteve imerso em um campo minado por descrenças da população em relação aos candidatos e políticos eleitos a cargos do poder público, por tentativas de ataques ao regime democrático e projetos inflamados com discursos compostos por violências contra determinados grupos sociais e organizações. Nesse contexto, Jair Bolsonaro, um político que ocupou cargos públicos por três décadas — como vereador, deputado e presidente³ —, disputou as eleições para presidência do Brasil em 2018, cujo resultado foi a vitória no segundo turno com 55,13% dos votos válidos contra 44,87% do adversário Fernando Haddad.

Em um lastro histórico atravessado por polêmicas, inexpressividade política e aparições esporádicas nas mídias, Jair Bolsonaro tem ascensão, sobretudo, por meio da mobilização articulada nas plataformas digitais. Um dos principais marcos da atuação em perfis de redes sociais se dá com desinformações sobre questões ligadas a gênero e sexualidade, como a falácia do “kit gay” nas escolas (Miskolci, 2021), com o objetivo de apelar para a conservação de um ideário de família patriarcal e de uma moralidade cristã, sendo esta defendida pelo fato de o Brasil ser o segundo país com maior número de cristãos no mundo (Coutinho, 2022).

Importante reiterar que, naquela época de campanha e de posse, veículos de comunicação foram hostilizados e colocados em xeque sobre a veracidade das informações transmitidas aos públicos. Jornalistas do Grupo Folha e da TV Globo, que cobriam a cerimônia de posse, foram atacados e agredidos, enquanto as articulações de movimentos bolsonaristas presentes na Praça dos Três Poderes, em Brasília, clamavam, em coro, pelas redes sociais *Facebook* e *WhatsApp* (O povo..., 2023). Esses indicativos das plataformas digitais coadunam-se com o modo de organização da campanha política e da conquista de eleitorado a partir de mensagens curtas, disparadas para atingir amplo alcance e direcionadas ao ataque de adversários políticos de esquerda. Richard Miskolci (2021), em uma análise do contexto da década de 2010 com olhares para a trama da esfera midiática e política, pontua que “as redes

³ De acordo com a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), até 2030, Jair Bolsonaro está inelegível por abusos de poder, ataques dirigidos ao TSE e disseminação de desinformação sobre o processo eleitoral (Tribunal..., 2023).

sociais on-line foram o ambiente perfeito para que tais empreendedores políticos de extrema-direita alcançassem – do dia para a noite – a atenção necessária para começar a construir uma base de seguidores/apoiadores” (Miskolci, 2021, p. 34).

As peças do jogo político de Jair Bolsonaro foram movidas com usos estratégicos da linguagem a partir das redes sociais digitais em um tabuleiro permeado por desconfianças da população quanto às instituições democráticas. Esse fenômeno apresenta similaridades com os discursos de conservadores da década 1980 no Brasil, como estudou Antônio Pierucci ao afirmar que, “[...] mais que uma fórmula de governo, o pensamento, a mentalidade e a sensibilidade de direita articulam uma concepção global de sociedade a um modo de sociabilidade” (Pierucci, 2013, p. 17). Isso significa haver interesses em torno de um projeto de conservadorismo não só da tradição política, mas também da sociedade, com vista a instaurar um tipo de sociabilidade que reconheça a existência de diferenças para, em seguida, apagá-las. Contudo, é válido lembrar que a direita se articula como prática, e não apenas como um campo de ideias. Como demonstrado pela notoriedade adquirida por Jair Bolsonaro, esse mecanismo se funde às possibilidades plataformizadas, valendo-se dos algoritmos e das brechas nas políticas das corporações reguladoras dos serviços digitais.

A partir do reconhecimento das dimensões complexas que envolvem a política brasileira, neste artigo, mobilizamos o referencial teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau para analisar os elementos do contrato comunicacional e as estratégias discursivas desenvolvidas por Jair Bolsonaro durante a posse. Entendemos esse momento de posse do cargo como uma cerimônia tradicional, embora existam variações conforme o presidente (Bonfim, 2008). De todo modo, um dos elementos mais importantes é o pronunciamento realizado na tomada do cargo, a fim de que o político aponte quais serão suas intenções e seus planos para cumprir o mandato.

Para tanto, o *corpus* deste trabalho é formado pelas transcrições dos dois discursos de Jair Bolsonaro (no Congresso Nacional e em frente ao Palácio do Planalto) e pela transmissão televisiva, com os quais podemos ter uma visão analítica que compreende aspectos verbais e não-verbais. Metodologicamente, acionamos a análise do discurso, notadamente a Teoria Semiolinguística, por nos permitir estudar as questões de linguagem “em uma problemática da influência psicológica e social” (Charaudeau, 2016, p. 8), inscrita em uma dada situação de comunicação e resultante de um contrato de comunicação, no qual os sujeitos envolvidos atendem às expectativas sociais e languageiras, mas também desenvolvem estratégias discursivas a fim de se fazerem compreender. Nesse sentido, para operacionalizar as análises,

dividimos o artigo de modo a compreender cada uma das categorias discursivas acionadas e o tensionamento com os discursos de posse.

Contrato comunicacional e seus elementos na posse presidencial

A situação de comunicação, tratada como um palco por Patrick Charaudeau (2013), envolve um espaço de encenações, com manobras e restrições temporais e espaciais estabelecidas pelos ajustes das práticas sociais, engendrando normas nas quais os sujeitos envolvidos nas trocas languageiras devem obedecer, em dadas circunstâncias, para a comunicação ser possível. “Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos para justificar essas mesmas práticas a fim de valorizá-las” (Charaudeau, 2013, p. 67), são definidas as restrições e as normatizações.

Diante dessa regulação na linguagem, existe um acordo no qual são reconhecidas as condições para que a situação de comunicação se estabeleça, isto é, um *contrato de comunicação*, que conjuga elementos linguísticos e extralinguísticos, em que sujeitos-comunicantes se unem em um ato de linguagem (Machado, 2016). Esse conceito de contrato constitui nossas vidas em sociedade, sendo que ele pode ou não ser cumprido.

No contrato de comunicação, existem quatro princípios que comandam e possibilitam o reconhecimento do ato de comunicação: *interação*, *pertinência*, *influência* e *regulação*. Logo, a interação determina “o ato de linguagem como um fenômeno de troca entre parceiros que se encontram em uma relação interativa, não-simétrica [...]” (Mello, 2003, p. 79). A pertinência diz respeito ao reconhecimento mútuo entre os parceiros, conferindo-lhes oportunidades e privilégios à palavra. Já quando abordamos a influência, pensa-se no momento em que “a motivação da intencionalidade do sujeito falante se inscreva numa finalidade acional que leva os parceiros da comunicação a satisfazer o princípio do controle das expectativas” (Mello, 2003, p. 50). E, por fim, a regulação é relativa à circunstância para poder acontecer a troca comunicativa entre os parceiros.

No contrato, devemos observar os seguintes elementos que caracterizam as trocas languageiras:

- a) *identidade dos parceiros*: identificar quem são os sujeitos inseridos no contrato;
- b) *finalidade da troca comunicativa*: motivações e objetivos que encaminham o ato de linguagem;
- c) *propósito*: as temáticas envolvidas;
- d) *dispositivo*: em que ambiente está acontecendo este ato.

Sendo assim, alguns questionamentos devem ser apresentados a fim de que as categorias anteriores sejam identificadas, conforme traz Patrick Charaudeau (2013, p. 69-70): “Quem troca com quem?”; “Estamos aqui para dizer o quê?”; “E por quê?”; “Do que se trata?”; “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?”. Esse conjunto de perguntas nos direciona ao quadro enunciativo de Charaudeau que possibilita avançar pelo ato de linguagem e as interações entre sujeitos.

Os estudos de Ida Lucia Machado (2016) e Dylia Lysardo-Dias (2010) apontam quatro sujeitos, distribuídos nos espaços interno e externo, que participam do ato de linguagem. Dois deles estão dispostos no externo (instância discursiva) – sujeito-comunicante (EUc) e sujeito-interpretante (TUi) –, sendo que o EUc se direciona ao TUi, ambos “[...] atores sociais, parceiros/interlocutores que se situam em um espaço real, onde pensam, imaginam e concebem como vão se exprimir” (Machado, 2016, p. 39). Já no interior desse ato, espaço interno ou instância discursiva (espaço do dizer), participam os outros dois – sujeito-enunciador (EUe) e sujeito-destinatário (TUd).

Para produzir um ato de linguagem, o sujeito-comunicante organiza/transforma/transpõe (por meio de um scriptor) seu mundo em mundo de palavras: ele ‘delega’ a palavra (falada ou escrita) a um Sujeito-enunciador que, por sua vez, se dirige a um receptor idealizado, aqui chamado de sujeito destinatário. Tal receptor-idealizado é apenas uma projeção do que pode vir a ser o sujeito-interpretante verdadeiro, é uma imagem ou uma expectativa deste (mais ou menos conforme, mais ou menos próxima. Ou não) (Machado, 2016, p. 39).

O jogo comunicativo apontado por esse quadro interacional sinaliza que seu comando não está sob controle do EU, haja vista que o TU pode não compreender, contrariar ou desconsiderar a mensagem. Logo, o ato de linguagem não é tido como unidirecional e nem marcado por emissores e receptores, mas de uma multifacetada relação entre interlocutores, que, para fazer acontecer uma intencionalidade de comunicação, acionam diferentes mecanismos (Lysardo-Dias, 2010).

Nesse sentido, cabe-nos retomar que a análise do discurso ancorada pela Teoria Semiolinguística observa como os sujeitos se apropriam da linguagem para significar o mundo, isto é, uma relação entre sujeitos, linguagem e mundo. Dessa maneira, os discursos são produzidos por um sujeito, que possui uma intencionalidade e se dirige a alguém ou algum grupo. Além de que não podemos ignorar os contextos de produção e de recepção de determinado discurso e os do analista (Charaudeau, 2005). No jogo político, complexo âmbito que não pode ser reduzido apenas ao que uma pessoa diz, devemos nos atentar ao que essa

pessoa diz e seus impactos, mas também às influências, para quem está dizendo, com qual objetivo e propósito, por qual meio foi veiculado, as estratégias aplicadas no ato de linguagem e os engendramentos de sistemas de pensamentos, saberes e valores (Charaudeau, 2011).

Para iniciarmos nossas análises, devemos *a priori* estabelecer algumas ponderações acerca do discurso de posse baseado nos conceitos propostos na Teoria Semiolinguística. Ao localizarmos o objeto desta pesquisa, verificamos que ele acontece no momento de abertura do mandato do novo presidente, que se dá no primeiro dia do ano subsequente às eleições.

No caso dos discursos de posse analisados, eles ocorreram quando Jair Bolsonaro foi oficialmente instituído como presidente do Brasil para o mandato entre 2019 e 2022. Esse estabelecimento ocorre em uma cerimônia marcada por ritos característicos e tradicionais, em que, eventualmente, acontecem modificações na estruturação. Na posse de 2019, contudo, todo o cortejo foi organizado com reforços no esquema de segurança que visasse a proteção dos envolvidos, principalmente de Jair Bolsonaro, que levou uma facada em Juiz de Fora (MG) durante um ato da campanha política. Além de que todo aparato montado foi devido à polarização política do país e aos atos violentos que ocorreram durante os últimos anos e, fundamentalmente, no período eleitoral de 2018. A preparação para a posse contou com um forte sistema de segurança, em que foram instaladas cercas de arame farpado ao redor da Esplanada dos Ministérios, grades, presença de agentes das Forças Armadas, além das polícias Civil, Militar e Federal, e a possibilidade da Força Aérea Brasileira, autorizada por Michel Temer, a partir de um decreto, interceptar e abater aeronaves que fossem consideradas suspeitas e estivessem sobrevoando em um raio inferior a sete quilômetros da Esplanada dos Ministérios.

Com cerca de cinco horas de duração, a cerimônia foi marcada por dois discursos – um no Congresso Nacional, na presença de sujeitos em diferentes cargos políticos, e outro no parlatório em frente ao Palácio do Planalto, onde apoiadores estavam acompanhando suas falas. Ambos os momentos foram transmitidos ao vivo pelos canais de televisão, juntamente ao desfile por Brasília ao lado de familiares, juramento à Constituição Federal e assinatura do termo de posse (Jair Bolsonaro..., 2019).

Outro ponto a evidenciar, apesar da tradicionalidade da configuração do momento, é a possível variação do local onde são realizados os discursos, podendo ser “no Congresso, na transmissão de faixa, na diplomação no TSE, na recepção às delegações estrangeiras e a pública (para os meios de comunicação) que pode ser de uma praça ou de uma sala do palácio” (Bonfim, 2008, p. 25). Nesta análise, verificamos que o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto foram os locais escolhidos para os discursos.

A partir do quadro enunciativo de Patrick Charaudeau (Machado, 2016; Lysardo-Dias, 2010), podemos identificar os sujeitos, suas instâncias de produção (EU) e recepção (TU) e suas interações. No primeiro discurso realizado no Congresso Nacional, o sujeito comunicante (EUc), aquele que é empírico, foi Jair Bolsonaro, o qual pode ser caracterizado a partir de todas as referências que já possuímos sobre ele: homem cisgênero, heterossexual, branco, católico, ex-militar, capitão reformado do Exército, ex-deputado federal, conhecido por falas polêmicas marcadas por preconceitos e posicionamentos políticos de extrema-direita. Enquanto sujeito enunciador (EUe), no espaço do dizer, assumiu o papel de presidente que projetou possíveis destinatários (TUd), que, no caso, seriam, fundamentalmente, os atores políticos que estavam ali o prestigiando e aqueles ditados por ele nos cumprimentos iniciais, sendo:

Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira. Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças. Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de academia militar das Agulhas Negras, presidente da Câmara, os deputados. Prezado amigo, companheiro, deputado Rodrigo Maia. Ex-presidente da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Melo. Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli. Senhoras e senhores, ministros de Estado e comandante das Forças aqui presentes. Procurador-geral da República, Raquel Dodge. Senhoras e senhores, governadores. Senhoras e senhores, senadores e deputados federais. Senhoras e senhores, chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro. Minha querida esposa, Michele, daqui vizinha Ceilândia. Meus filhos e familiares aqui presentes. A conheci aqui na Câmara. Brasileiros e brasileiras (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 1).

Aqui, vale destacar que cumprimentos especiais foram efetuados, sendo que os mais importantes em sua visão foram ditos primeiro, tendo em vista o local onde foi proferido, além de que algumas adjetivações colocadas nos sinalizam quem foram esses sujeitos idealizados por Jair Bolsonaro, como as qualificações que fez a seu vice e ao deputado Rodrigo Maia, e as saudações dirigidas aos chefes de Estado estrangeiros. Em seguida, ele citou sua esposa e aproveitou para dizer que ali onde estava foi o local onde a conheceu, o que nos indica a tentativa de construção de uma imagem de conquistador. Por fim, dirigiu-se aos cidadãos comuns – brasileiros e brasileiras. Já os sujeitos interpretantes (TUi) são todos os que tiveram contato com esse pronunciamento, independentemente da forma como chegou até eles. Portanto, o TUi é impreciso e complexo de ser qualificado.

É possível comprovar seu planejamento de TUd a partir de algumas frases ditas, como “Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas [...]”, pelos vocativos “Senhoras e Senhores Congressistas [...]” e os pronomes de tratamento. Complementa-se essa verificação com o uso de verbos na terceira pessoa do plural e o uso dos pronomes pessoais

“nós” e “vocês”, que sugerem uma tentativa de aproximação com esses sujeitos (Biblioteca Presidência da República, 2019a).

No segundo discurso, que ocorreu no Palácio do Planalto, é importante situar que o EUc continuou sendo Jair Bolsonaro, com as mesmas referências supramencionadas que já conhecemos. Ao se colocar como EUe na figura de presidente, que acabou de receber a faixa presidencial, projetou um TUD que seria, ali, os eleitores presentes na Praça dos Três Poderes, bem como os brasileiros que estavam assistindo o momento televisionado, o que torna as projeções desse pronunciamento diferentes das objetivadas no primeiro. A partir das frases iniciais do discurso, constatamos a projeção desses sujeitos. Por exemplo: “E vocês acreditaram em mim”, a utilização de “a todos vocês” e “brasileiro” (Biblioteca Presidência da República, 2019b). O TUi continua sendo quem teve acesso a esse momento, seja em tempo real ou posteriormente. Merece destacar que, ao lado de Jair Bolsonaro, estava sua esposa, Michelle Bolsonaro (à direita), o vice-presidente, Hamilton Mourão, a vice-primeira-dama, Paula Mourão (à esquerda), e uma intérprete de Libras (à direita), que conduziu a tradução simultânea.

Por outro lado, é válido ponderar que não sabemos quem foi/foram o/os sujeito/os que escreveu/escreveram os discursos enunciados. Pode ter sido o próprio Jair Bolsonaro ou uma equipe que trabalha diretamente para ele, contudo, por se tratar do primeiro pronunciamento oficial no cargo, acreditamos que possa ter sido escrito e revisado por mais de uma pessoa. Sabe-se também, por exemplo, que um de seus discursos, realizado durante seu mandato em um evento da ONU, foi escrito por uma equipe composta por quatro pessoas⁴.

Baseados na teoria charaudiana, na qual todo ato de linguagem é uma encenação, percebemos que essa *mise en scène* da posse pode ter atingido ou não os objetivos suscitados por Jair Bolsonaro. Suas intenções podem ter alcançado positivamente ou não as pessoas, portanto, não há como ele comandar as impressões e nem mesmo os sentidos que surgem do ato de comunicação. Por essa razão, é uma expedição e uma aventura (Charaudeau, 2011), nas quais não há como saber se existiu sucesso ou fracasso, tampouco os efeitos consecutivos dos discursos bolsonaristas.

⁴ As informações sobre quem escreveu esse discurso foram publicadas no site da *Época*. O discurso de Jair Bolsonaro foi escrito pelos ministros Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional, e Ernesto Araújo, das Relações Exteriores, pelo filho Eduardo Bolsonaro e por Filipe Martins, assessor internacional. Ainda, o texto informa que Jair Bolsonaro alterou algumas palavras. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/quem-escreveu-discurso-de-jair-bolsonaro-23969980>. Acesso em: 20 out. 2019.

Para a comunicação se estabelecer é necessário existirem condições, manobras, restrições e estratégias, o que conhecemos por contrato de comunicação (Charaudeau, 2013; Lysardo-Dias, 2010; Machado, 2016). No nível situacional do ato de linguagem, ocorrem restrições e manobras que os sujeitos devem seguir para que a comunicação se efetive positivamente. E, no espaço do dizer, são propostas estratégias discursivas de legitimação, credibilidade e captação. Assim, em uma cerimônia de posse, em que atos institucionais acontecem, além de ser televisionada, noticiada e acompanhada por milhares de pessoas, nacional e internacionalmente, existem práticas que regulam essa linguagem, possibilitando reconhecê-la como tal. Isso configura o contrato de comunicação, acordo que demarca condições para que situações comunicativas e suas condições (dispositivo, propósito, finalidade e identidade) ocorram, consistindo em conceitos importantes de serem sinalizados para entendermos a dinâmica que envolvem os discursos.

Portanto, o contrato demarca o discurso de posse, em todos os dois momentos analisados, de instituição do mandato de Jair Bolsonaro diante das autoridades políticas e da população brasileira. Além disso, constatamos as condições de enunciação dessa produção de linguagem, sendo a identidade – quem são os sujeitos envolvidos e para quem foi direcionado – composta por ele, no estatuto de presidente, a população brasileira e os políticos, conforme explicado anteriormente na análise de quem foram os sujeitos comunicante, enunciador, destinatário e interpretante; o propósito – o tema do discurso – aponta para a inauguração do mandato, realização de agradecimentos, menção a inimigos e problemas considerados na visão dele, exposição de crenças, valores e sugestões de possíveis atitudes que tomará; a finalidade – o objetivo do discurso – foi para se aproximar de apoiadores e futuros aliados, em um primeiro momento, e conquistar brasileiros e brasileiras, no segundo; e o dispositivo – condições físicas e formas de veiculação – foi o púlpito, com uso de microfone, espaço do Congresso e do parlatório e, um meio importante, as emissoras de televisão que veicularam ao vivo, atingindo um público incomensurável, mesmo com o registro dos índices de audiência⁵. Ainda no que diz respeito aos meios de comunicação que reverberaram os discursos, cabe salientar a relevância de outros canais, como jornais, revistas e, sobretudo, a internet por meio dos portais de notícias e das redes sociais, que divulgaram também em tempo real e disponibilizaram, em seguida, esses discursos na íntegra.

⁵ Segundo noticiado pelo site *Notícias da TV*, a transmissão na TV Globo alcançou média de 14,1 pontos. Na Record, 7,6, e, no SBT, 4. Cada ponto equivalia a 73.015 domicílios na cidade de São Paulo, mas não é possível saber quantas pessoas representam (BOICOTADA..., 2019)

Estratégias discursivas no contexto político e a posse presidencial

Um político precisa ter duas identidades concomitantemente, sendo uma que equivalha a pensar na vida coletiva dos cidadãos e outra que seja equivalente à prática da administração do poder. Para isso, existem três níveis de estratégias: *legitimação*, *credibilidade* e *captação*, as quais são propostas por Patrick Charaudeau (2010) com os seguintes questionamentos.

Perante o outro, o sujeito se confronta com a questão da validade da troca comunicacional em função de suas restrições. Propomos considerar que o sujeito age tentando responder a três tipos de questão: (1) o outro percebe o que me autoriza a falar (o que me legitima)? Se ele não o faz, devo tentar parecer legítimo aos seus olhos; (2) o outro crê em mim? Se ele não o faz, devo tentar parecer crível; (3) o outro aceita entrar em relação comigo e está pronto a aderir ao meu universo de discurso? Se ele não o faz, devo tentar parecer amável com respeito ao seu lugar, para persuadi-lo e comovê-lo (Charaudeau, 2010, parágrafo 68).

A estratégia de *legitimação* (1) ocorre no momento em que quem fala não tem plena convicção de que está legitimado diante do outro. Ele, então, persistirá, se achar conveniente à situação, em manter a seriedade, confiar em suas competências sobre uma área específica e suas vivências. Patrick Charaudeau (2010) exemplifica essa estratégia com as campanhas de eleições, em que os políticos adotam esses recursos. Já o nível da *credibilidade* (2) é empregado quando o sujeito quer que confiem nele e, para isso, edificará uma imagem compatível, avaliará as vantagens e desvantagens da situação, trará informações comprováveis, utilizará dados oficiais e usará o poder de convencimento. E, ainda, a *captação* (3) ocorre no momento em que o sujeito busca por aceitação e interesse do outro, sendo que, para essa finalidade, pode buscar atingir emocionalmente o interlocutor.

No contrato de comunicação da posse presidencial de Jair Bolsonaro foram mobilizadas estratégias discursivas, em que, nos pronunciamentos, foram promovidas seleções do que seria mostrado e sublimado com o intuito de persuadir, convencer e atingir positivamente o público-alvo, sejam eles políticos e aliados ou cidadãos. Como sujeito discursivo, ele selecionou temáticas que considerava como interesses da população e do Brasil, como: corrupção, criminalidade, irresponsabilidade econômica, submissão ideológica, união do povo, valorização da família, respeito às religiões, tradição judaico-cristã, combate à ideologia de gênero, conservação de valores, segurança, economia, crescimento do setor agropecuário. Também enunciou como compromisso “construir uma sociedade sem discriminação ou divisão”. Destaca-se o trecho:

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 15).

Por vezes, o fato de ter sobrevivido ao ataque foi retomado, bem como se referiu aos grupos que considerava como “inimigos da pátria” e mencionou Deus em diferentes momentos. Mesmo diante de tantas percepções individuais e disposição de crenças e valores subjetivos de Jair Bolsonaro, ele suscitou, naquele momento, uma série de temáticas que seria de relevantes para seu eleitorado. Identificamos, portanto, que as margens de manobra existentes foram examinadas por Jair Bolsonaro, como sujeito discursivo, para estabelecer seus pronunciamentos, sendo que, dessa forma, ele poderia ver as restrições existentes naquele momento institucional e escolher a maneira como organizaria os discursos e quais temáticas explanaria.

Jair Bolsonaro, tendo em vista sua identidade no contrato comunicacional, possuía legitimidade para falar por ser o presidente do Brasil a partir daquele momento da posse, ou seja, ele tinha poder de dizer devido à posição ocupada institucionalmente. Todavia, no âmbito das estratégias discursivas, ele precisou criar e reforçar sua legitimidade, já que questionamentos por parte da população, das mídias e dos atores políticos foram levantados sobre sua figura no campo político. Para tal fim e lhe conferir poder da palavra, Jair Bolsonaro disse: “É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês *como Presidente do Brasil*” (Biblioteca Presidência da República, 2019b, parágrafo 3, grifo nosso). Portanto, trata-se de uma estratégia de legitimação que reforçou seu direito de falar naquele espaço a partir do estatuto que passa a possuir, ou seja, de estar no mais alto cargo de comando do país e eleito pela maioria da população, como ele fez questão de destacar no discurso, mesmo tendo, anos depois, acusado o processo eleitoral de fraude (Montesanti, 2021).

Para se mostrar confiável e fazer com que seu interlocutor acreditasse no que estava enunciando, Jair Bolsonaro citou seu cargo público anterior (deputado federal) e o tempo que passou exercendo a função, dizendo: “Com humildade, volto a esta Casa [Congresso Nacional], onde, *por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira*, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados, que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer” (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 3, grifo nosso). E continuou: “Volto a esta Casa [Congresso Nacional], *não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro*”

(Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 4, grifo nosso). Com essa enunciação, ele evidenciou a tentativa discursiva de se mostrar um sujeito credível por ter quase três décadas como político e ter ganhado a eleição presidencial. Na última frase, além da estratégia de credibilidade, há também uma estratégia de legitimidade ao reafirmar o posto de presidente que passa a ocupar.

Vale ponderar que Jair Bolsonaro, para uma parte das pessoas que não faz parte de seu eleitorado, não é considerado uma pessoa crível. Questiona-se, por exemplo: como durante 28 anos como parlamentar conseguiu aprovação de apenas dois projetos? Como um político com inexpressividade dentro Congresso Nacional, enquanto foi deputado federal, seria capaz de governar o país e estar à frente do cargo de presidente? E como um presidente que, na época de candidatura, não compareceu aos debates eleitorais realizados pelos veículos comunicacionais, possui credibilidade para estar no cargo? Vale destacar que a credibilidade é adquirida e, para tanto, é necessário que o sujeito se apresente verdadeiro e construa para si uma boa imagem no discurso, estratégia que pode ser questionável na figura de Jair Bolsonaro em razão do passado político.

A credibilidade está atrelada à imagem de si construída no discurso. “Assim, para a credibilidade ser instaurada, é preciso que sejam evidenciados alguns elementos discursivos indicadores da posição de verdade do sujeito” (Procópio, 2015, p. 41-42). Ainda nesse ponto da credibilidade, Jair Bolsonaro recorreu a dois procedimentos para alcançá-la: a verossimilhança e a explicação (Charaudeau, 2013; Procópio, 2015). A verossimilhança nos discursos é a possibilidade da existência dos fenômenos elucidados por ele serem comprovados, e a explicação é a possibilidade de determinar os motivos e as finalidades dos fatos. Portanto, foram estratégias empregadas na construção do discurso de Jair Bolsonaro para lhe garantir credibilidade.

Já nas estratégias de captação – tática cujo fim é atingir o outro para que ele passe a compartilhar da mesma intencionalidade –, Jair Bolsonaro apelou para o atentado de Juiz de Fora, como na frase “Primeiro quero agradecer a *Deus* por *estar vivo*, que pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora operaram um verdadeiro *milagre* [...]” (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 2, grifo nosso). Também fez menção à religião, aos milagres e a Deus no discurso ao receber a faixa presidencial (Biblioteca Presidência da República, 2019b).

No trecho, “hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente *agradecido, a Deus pela minha vida e aos brasileiros, por confiarem a mim a honrosa missão de governar o Brasil* [...]” (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 5, grifo nosso), torna-se

evidente o apelo emocional presente discursivamente ao expor sentimentos, novamente com referência a Deus e menção de gratidão aos brasileiros. “Governar com *vocês*” (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 5, grifo nosso) aponta o uso do pronome pessoal de tratamento para se aproximar das pessoas, sobretudo parlamentares e aliados políticos presentes no Congresso Nacional.

Em outro momento, Jair Bolsonaro disse: “Por isso, quando os *inimigos da pátria, da ordem e da liberdade* tentaram pôr fim à minha vida, *milhões de brasileiros foram às ruas*” (Biblioteca Presidência da República, 2019a, parágrafo 12, grifo nosso). Nessa passagem, verificamos que os inimigos considerados por ele e mencionados nos discursos eram aquelas pessoas alinhadas à esquerda política e contrárias a ele. Porém, vale ressaltar que foi apenas um homem que tentou matá-lo em Juiz de Fora⁶ e, ao usar a construção frasal no plural, Jair Bolsonaro, enquanto sujeito comunicante e enunciador, generalizou e culpabilizou mais pessoas pelo atentado – mensagem reforçada ao recorrer à primeira pessoa do plural e ao pronome você. Constatamos, então, que a estratégia de captação apelou para os efeitos patêmicos ou, por outras palavras, as emoções desencadeadas no discurso. Ao fazer uso de determinados léxicos (por exemplo, inimigos da pátria, cidadão de bem, etc.), gestos e movimentos corporais (tais como balançar a bandeira do Brasil e pegá-la em momentos estratégicos do discurso), ele visava uma captação direta do público almejado (TUd) e, de modo mais amplo, de todos que acompanharam os discursos (TUi).

Considerações finais

A cerimônia da posse presidencial é um ritual composto por diferentes momentos de institucionalização, entre os quais o discurso do candidato eleito, uma das falas oficiais mais aguardadas pela sociedade (Bonfim, 2008). Nesse momento, espera-se que o presidente enuncie seus objetivos ao ocupar o cargo, confirme a perspectiva a ser adotada para tratar questões sociais e direcione a fala conforme os interesses apresentados durante a campanha política. Quando Jair Bolsonaro tomou posse como o 38º presidente do Brasil, o contexto político era constituído por polarização entre espectros políticos, desinformação em crescimento exponencial, moralidades e conservadorismos em ebulição e mobilização articulada por movimentos em prol do político nas plataformas digitais. Reflexo desse contexto foi a posse presidencial organizada com amplo esquema de segurança para proteção dos

⁶ O atentado ocorreu durante um ato de campanha no dia 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora, faltando um mês para o primeiro turno das votações.

envolvidos, embora ataques aos jornalistas que estavam cobrindo a cerimônia tenham ocorrido pelos próprios apoiadores do presidente.

Neste artigo, atentamo-nos aos dois discursos realizados por Jair Bolsonaro: um no Congresso Nacional – espaço representativo para constituição de alianças políticas – e no parlatório em frente ao Palácio do Planalto – onde havia uma plateia de apoiadores aguardando a fala. Para avançarmos no jogo político discursivo da posse, recorremos aos conceitos do contrato de comunicação e às estratégias discursivas da Teoria Semiociológica (Charaudeau, 2010; 2011; 2013).

Em ambos os discursos, o sujeito comunicador foi Jair Bolsonaro, um político cujo passado é atravessado por falta de representatividade parlamentar, inexpressividade políticas e aparição a partir de polêmicas e mentiras. Após o destaque midiático que ganhou durante a década de 2010, Jair Bolsonaro lançou-se como candidato ao cargo de presidente com o ideário conservador e de extrema-direita. Quando ganhou e tomou posse, nos discursos, projetou-se como sujeito enunciativo nos dois espaços para sujeitos destinatários distintos. O primeiro discurso realizado no Congresso Nacional objetivava atingir autoridades políticas, aliados, familiares, assim como brasileiros que acompanhavam o momento televisionado. No segundo momento, os sujeitos destinatários almejados foram os eleitores e, de modo mais amplo, todos os brasileiros. Nos dois casos, não há como precisar os sujeitos interpretantes, haja vista que qualquer pessoa, independentemente se acompanhou ao vivo ou depois, pode acessá-lo no espaço do fazer.

De modo geral, a partir da organização do contrato de comunicação, temos que os dispositivos mobilizados envolveram os espaços onde ocorreram o discurso, juntamente aos equipamentos que permitiram aumentar o alcance, como uso de microfone, púlpito para ter visibilidade e transmissão ao vivo pelas emissoras de televisão. O propósito foi tanto inaugurar o mandato, enfatizar problemas a partir de sua visão e realizar agradecimentos aos aliados, quanto enfatizar inimizades, crenças e valores morais e religiosos. A finalidade foi conseguir adesão dos eleitores e dos brasileiros não eleitores, assim como estabelecer alianças políticas. Por fim, a identidade desse contrato é marcada por Jair Bolsonaro, políticos presentes no ato da posse e pelos cidadãos.

Em termos de estratégias discursivas, notamos que, embora o cargo de presidente assegurasse a legitimidade para esse tipo de discurso, Jair Bolsonaro precisou recorrer à legitimação, ou seja, pelos questionamentos sociais sobre sua capacidade de exercer tal cargo visto seu passado político, ele reiterou discursivamente esse estatuto de presidente com léxicos que remeteram ao cargo e aproximaram os sujeitos destinatários, demonstrando algum tipo de

confiança e reafirmação. A credibilidade, por sua vez, é uma estratégia que não depende estritamente do discurso, já que se estabelece como uma característica adquirida. No caso de Jair Bolsonaro, a partir dos questionamentos levantados sobre ele, o movimento desenvolvido nos discursos de posse foi a partir da verossimilhança e da explicação. Por fim, a captação foi promovida visando despertar disposições afetivas favoráveis nos interlocutores que se identificavam com os valores defendidos pelo então presidente. Um dos procedimentos discursivos mais utilizados por Bolsonaro foi o uso da expressão “cidadão de bem”, para separar quem estaria ao seu lado de quem estaria contra.

Por fim, com essa análise, constatamos que os discursos de posse, cuja importância e visibilidade são centrais para o estabelecimento do político na entrada do cargo, foram desenvolvidos para apelar por adesão da população a questões políticas conservadoras e reiterar a polarização entre espectros. Os planos políticos de Jair Bolsonaro, para o mandato que se iniciava, não foram apresentados. De maneira estratégica, o destaque temático central do discurso de posse foi a retomada do episódio da facada, numa espécie de justificativa messiânica para sua eleição e para validação de sua competência ao cargo alcançado.

Referências

BIBLIOTECA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional*. 2019a. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BIBLIOTECA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial*. 2019b. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BOICOTADA, Globo tem mais público com posse de Bolsonaro do que rivais somadas. *Notícias da Tv*, 2019. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/boicotada-globo-tem-mais-publico-com-posse-de-bolsonaro-do-que-rivais-somadas-24112?cpid=txt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BONFIM, João Bosco Bezerra. *Palavra de presidente: os discursos presidenciais de posse, de Deodoro a Lula*. Brasília: LGE Editora, 2008.

CARBONI, Florence. *Introdução à Linguística*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. A argumentação em uma problemática da influência. *ReVEL*, v. 14, n. 12, p. 8-30, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discursos das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010, n. p. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, n. p. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 26 abr. 2024.

COUTINHO, José Pereira. Cristianismo no Brasil em perspectiva global. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 249-253, 2022.

JAIR BOLSONARO toma posse como presidente: a cobertura contada minuto a minuto. *El País*, Brasil, 1º janeiro 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/01/politica/1546333823_063262.html. Acesso em: 10 dez. 2023.

LYSARDO-DIAS, Dylia. As contribuições de Patrick Charaudeau para o desenvolvimento da AD no Brasil. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 161-180.

MACHADO, Ida Lucia. *Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

MELLO, Renato de. O quadro de contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o texto literário. *Caligrama: Revista de Estudo Românico*, Belo Horizonte, v. 8, p. 41-25, 2003.

MISKOLCI, Richard. *Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiaticizada*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

MONTESANTI, Beatriz. Não há provas de fraudes alegadas por Bolsonaro nas eleições de 2014 e 2018. 2021. *UOL Confere*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/06/17/bolsonaro-alega-fraude-nas-eleicoes-de-2014-e-2018-mas-nao-ha-provas.htm>. Acesso em: 26 abr. 2024.

O POVO e a posse de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo; Spotify Studios*, Café da manhã, 2 jan. 2019. Podcast, 13min42s. Disponível em: <https://spoti.fi/2VidP1B>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. 3. ed. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Sociologia da FFLCH-USP/ Editora 34, 2013.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. A mobilização de estratégias na tessitura discursiva de biografias. *Intersecções*, Jundiaí, v. 15, n. 1, p. 38-58, 2015.

TRIBUNAL Superior Eleitoral declara ex-presidente Jair Bolsonaro inelegível por oito anos. 2023. Elaborado por Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://direito.usp.br/noticia/adca6eb6f1d2-tribunal-superior-eleitoral-declara-ex-presidente-jair-bolsonaro-inelegivel-por-oito-anos->. Acesso em: 26 abr. 2024.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.17>

Submetido em: 15/05/2024

Aprovado em: 15/10/2024